



A Fotografia como Registro Documental Geo-Histórico (PT)

La Fotografía como Registro Documental Geo-Histórico (ES)

E4_06 - La fotografía como documento histórico en la construcción de la imagen de ciudad iberoamericana

Paulo Cesar da Costa Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
pccgomes@gmail.com

Bernardo José Alvarez de Castro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
bernardocastro.geo@gmail.com

Resumo: O artigo investiga a fotografia contemporânea como documento geo-histórico capaz de revelar o “acúmulo desigual de tempos” nas paisagens urbanas do Rio de Janeiro. Partindo da noção de *composição*, entende-se o espaço como a convivência sincrônica de elementos de diferentes idades. As *esquinas* são escolhidas como situação geográfica privilegiada porque tornam visíveis, de forma condensada, a negociação entre formas herdadas e imperativos atuais. A análise compara Copacabana, Ipanema e Leblon. Em Copacabana, pequenas casas e sobrados persistem nas esquinas graças a adaptações contínuas, criando forte contraste com a verticalização ao fundo. Em Ipanema, a preservação das esquinas avançadas no lote decorre da “equação dos recuos”, que torna economicamente vantajoso manter volumes antigos, produzindo descontinuidades no tecido urbano. No Leblon, prevalece a regularidade: alinhamentos contínuos e escalonamento vertical expressam a valorização recente e a busca por coerência formal. Conclui-se que a fotografia permite decifrar essa gramática espacial, mostrando que a cidade não elimina seu passado, mas o recompõe com preservações seletivas e substituições controladas. As esquinas revelam, assim, como diferentes temporalidades convivem e estruturam o presente urbano.

Palavras-chave: Geocronografia urbana; composição; esquinas; acúmulo desigual de tempos

Resumen: El artículo analiza cómo la fotografía contemporánea funciona como documento geo-histórico capaz de revelar la “acumulación desigual de tiempos” en el paisaje urbano de Río de Janeiro. Basado en la noción de *composición*, el espacio se entiende como la coexistencia sincrónica de elementos de distintas edades. Las esquinas se eligen como situación geográfica

privilegiada por condensar la negociación entre formas heredadas y exigencias actuales. La comparación entre Copacabana, Ipanema y Leblon muestra soluciones espaciales distintas. En Copacabana, casas y sobrados sobreviven en las esquinas mediante adaptaciones continuas, contrastando con la verticalización del interior de las manzanas. En Ipanema, la “ecuación de los retiros” explica la preservación de esquinas avanzadas en el lote por razones económicas, generando discontinuidades visibles. En Leblon predomina la regularidad: alineamientos continuos y un escalonamiento vertical expresan la valorización reciente. La fotografía permite descifrar esta gramática espacial, mostrando que la ciudad recompone sus tiempos mediante preservaciones selectivas, sustituciones puntuales y adaptaciones. Las esquinas revelan cómo múltiples temporalidades conviven y estructuran el presente urbano.

Palabras-clave: *Geocronografía urbana, Composición espacial, Esquinas, Acumulación de temporalidades*

Introdução

O espaço urbano, em qualquer momento de sua existência, funciona como um documento histórico. Ações pretéritas deixam inscrições materiais que, acionadas pela memória, oferecem as bases para narrativas sobre a cidade. Por isso, toda imagem que registra o espaço — sobretudo a fotografia contemporânea — constitui um documento capaz de interpelar nossa leitura do passado, permitindo articular episódios e temporalidades que se encontram ali materializados. O espaço não pode ser concebido como uma tábula rasa onde novos conteúdos simplesmente se imprimem; ele é sempre o resultado de uma interação contínua entre aquilo que já está materializado e os acontecimentos que se sucedem (Santos, 1996).

A história da geografia oferece inúmeros modelos que, ao contrário, partem da suposição de um espaço isonômico, homogêneo e destituído de historicidade. O exemplo clássico é o modelo de Johann Heinrich von Thünen, formulado em *Der isolierte Staat* (1826), que descreve a ocupação do solo agrícola a partir de anéis concêntricos em torno de um mercado ideal. Para operar, tais modelos ejetam do espaço toda substância histórica — suas camadas, seus vestígios e as ações que estes exercem sobre as dinâmicas atuais. A comodidade analítica desse procedimento implica, no entanto, suspender a característica fundamental de cada evento ocorrendo em um espaço que é, ele próprio, fruto de eventos anteriores.

Propomos o contrário: assumir que o espaço é constituído por uma composição de elementos de diversos tempos, cuja convivência simultânea precisa ser incorporada à análise. Daí a centralidade da noção de composição. Primeiro, ela remete à ideia de um conjunto em que elementos heterogêneos interagem na formação de uma identidade comum (Gomes, 2013). Os vestígios de tempos passados se articulam aos imperativos do presente, não como camadas isoladas, mas como partes operantes de uma mesma unidade. Segundo, a composição destaca a importância da posição: *com-posição* significa literalmente “colocar junto”, e portanto compreender cada elemento na relação posicional que estabelece com os demais. É justamente por isso que o registro fotográfico se torna um instrumento tão poderoso: toda fotografia é, por definição, uma composição.

Nesse quadro, a fotografia contemporânea emerge como uma ferramenta central para a geografia histórica. A hipótese deste trabalho é que imagens atuais são capazes de revelar, por si mesmas, a convivência de temporalidades inscrita na paisagem urbana, dispensando, em muitos casos, a necessidade de recorrer a documentação auxiliar. Uma fotografia que apresenta diferentes camadas da história não é apenas um registro do presente; é um documento que ativa a presença do passado. O enquadramento de uma esquina, por exemplo, pode tornar visível o acúmulo de tempos: formas herdadas, adaptações sucessivas e novas inserções convivendo na mesma figura espacial.

A geografia histórica, nesse sentido, deixa de ser apenas a narrativa de transformações sucessivas e passa a ser, sobretudo, a capacidade de decifrar essa acumulação no espaço atual. A paisagem urbana é, simultaneamente, o resultado e o registro de sua própria história; cabe à análise geográfica aprender a lê-la.

Fundamentação Teórica: A Geocronografia da Cidade



O termo geocronografia é utilizado aqui para descrever uma metodologia voltada a investigar a convivência simultânea de diferentes temporalidades no espaço urbano do Rio de Janeiro. Parte-se da premissa de que a paisagem urbana funciona como um mosaico: uma montagem na qual fragmentos de épocas distintas coexistem lado a lado. A cidade é um compósito, um sistema formado por elementos de gerações diversas que operam de maneira sincrônica no presente.

O objetivo central dessa abordagem é compreender a coerência espacial que emerge dessa convivência de temporalidades. Trata-se de investigar como edificações de idades variadas — resultantes de concepções arquitetônicas e normas urbanísticas distintas — coexistem no presente produzindo arranjos heterogêneos, mas ainda assim coerentes. Como assinalou Milton Santos (2004 [1987], p. 256), o espaço é uma “acumulação desigual de tempos”. A questão que se coloca é: por que determinados fragmentos são preservados enquanto outros são eliminados? Que lógica organiza essa seleção e assegura a funcionalidade do conjunto?

Nessa perspectiva, o registro fotográfico e o trabalho de campo tornam-se instrumentos metodológicos fundamentais. A fotografia, ao captar simultaneamente formas de diferentes idades, permite evidenciar a equação que articula preservação, supressão e adaptação. Ela torna visíveis as configurações — no sentido empregado por Gomes (no prelo) — que resultam da interação entre elementos heterogêneos, revelando no próprio visível a presença de temporalidades distintas que operam conjuntamente na paisagem contemporânea.

Essa metodologia foi aplicada ao estudo de diferentes configurações urbanas, com foco inicial em uma das parcelas mais valorizadas da metrópole: os bairros da zona sul do Rio de Janeiro — Copacabana, Ipanema e Leblon. Embora a alta pressão imobiliária sugerisse uma tendência à substituição sistemática das formas antigas, uma observação cuidadosa revela que a equação entre substituição e preservação é mais complexa do que parece à primeira vista. Cada bairro apresenta modos específicos de compor seus tempos.

Para organizar a análise e facilitar a comparação, optou-se por apresentar separadamente as observações relativas a cada bairro. A ordem adotada segue um percurso espacial contínuo ao longo da orla atlântica — de Copacabana a Ipanema e, por fim, ao Leblon — acompanhando o arco que estrutura a sucessão das principais praias oceânicas da zona sul carioca. Esse percurso permite evidenciar, de forma gradual, como a geocronografia se declina de maneiras distintas dentro de um mesmo conjunto urbano.

As Esquinas da Zona Sul do Rio de Janeiro

A paisagem urbana da Zona Sul do Rio de Janeiro é marcada por uma variedade imensa de situações espaciais, cada qual revelando de modo próprio a convivência de tempos distintos no espaço presente. Diante dessa multiplicidade, a análise aqui proposta se concentra em uma situação geográfica específica — as esquinas — escolhida como unidade analítica e comparativa capaz de oferecer um recorte ao mesmo tempo preciso e revelador. Trata-se de uma escolha orientada pela hipótese central deste trabalho: certos pontos do tecido urbano possuem a capacidade de condensar, de forma bastante eloquente, a lógica espacial que organiza a coexistência de temporalidades na cidade.



As esquinas são justamente um desses pontos. Elas nascem do cruzamento entre vias e, por isso, articulam a continuidade do traçado urbano com a interrupção que o desvia, reorienta e fratura. Essa dualidade gera uma morfologia específica — fachadas que se abrem em dois eixos, recuos inusitados, calçadas que se alargam, volumes que se destacam — e, ao mesmo tempo, produz uma situação profundamente reveladora do funcionamento da cidade. Pois é ali, nesse encontro entre fluxos e rupturas, que se expõe com nitidez aquilo que normalmente permanece despercebido na uniformidade aparente das quadras.

Mais do que simples acidentes geométricos, as esquinas são lugares que marcam a morfologia das cidades. Elas revelam, de maneira condensada e precisa, o modo como diferentes tempos se acumulam e convivem no espaço, permitindo entrever a negociação contínua entre formas herdadas e imperativos contemporâneos. E revelam também — o que é fundamental — a lógica econômica que preside a preservação, a adaptação ou a substituição de certas parcelas do tecido urbano. Em uma única imagem é possível ver, lado a lado, a persistência de uma edificação antiga, os ajustes sucessivos que a mantiveram funcional no presente e os novos volumes que se impõem no interior das quadras. As esquinas, assim, constituem um ponto privilegiado para observar a maneira pela qual o tempo coagula em figura espacial.

A noção de situação, clássica da geografia, obriga a considerar as circunstâncias concretas que se encontram em um sítio particular — seus objetos, seus usos, suas vizinhanças, seus condicionantes materiais — e a reconhecer que essas circunstâncias intervêm de modo ativo nos processos históricos ali inscritos. Uma situação geográfica nunca é apenas o cenário de acontecimentos mais amplos, mas uma instância concreta que os particulariza e às vezes até reorienta. As esquinas, portanto, são capazes de revelar como pequenas diferenças locais produzem efeitos significativos na forma e no tempo das cidades.

Segui-las ao longo de Copacabana, Ipanema e Leblon permite observar como uma mesma situação geográfica pode se desdobrar em configurações profundamente distintas. É aqui que o conceito de configuração (Gomes, no prelo) ganha seu sentido mais operacional: trata-se da figura espacial que se inscreve concretamente no espaço, da forma visível que resulta da combinação entre elementos de diferentes idades, ajustados às exigências de sua época. Uma configuração é, antes de tudo, um fato visual — ela desenha o espaço, deixa rastros, cria uma inscrição que é imediatamente captável pelo olhar. E é justamente essa inscrição que a fotografia apreende com precisão, permitindo que o gesto analítico se inicie a partir do visível para alcançar as temporalidades ali condensadas.

Ao percorrer as esquinas desses três bairros, torna-se evidente que a urbanização relativamente homogênea da zona sul, realizada em um intervalo de tempo curto e sob pressões econômicas semelhantes, não produziu uma paisagem uniforme. Cada esquina documenta um arranjo particular de temporalidades, um modo específico de resolver a equação entre substituição, preservação e adaptação. A observação empírica revela, assim, um mosaico de formas que não coincide com a expectativa de uniformidade derivada dos grandes processos urbanos e revela a diversidade interna desses bairros.

As esquinas permitem comparar Copacabana, Ipanema e Leblon segundo uma mesma chave analítica, mas também destacam as circunstâncias locais, discretas porém decisivas, que desenharam a geografia concreta da cidade. Cada esquina é, de certo modo, uma janela aberta para a geocronografia da paisagem contemporânea, onde fragmentos de diferentes épocas se articulam para produzir a coerência do presente.

Copacabana

As esquinas de Copacabana oferecem talvez o exemplo mais imediato da convivência de temporalidades distintas na paisagem urbana. Em um bairro marcado pela alta densidade, pela pressão imobiliária contínua e por sucessivas ondas de verticalização, causa sempre alguma surpresa perceber a permanência de pequenas casas e sobrados nas esquinas — vestígios materiais de um estágio anterior da ocupação do bairro, preservados não por efeito de políticas de proteção, mas por um conjunto de circunstâncias locais que conferiu a esses fragmentos uma funcionalidade durável. Eles resistem não como relíquias, mas como peças ainda operantes da engrenagem urbana (Figura 1).



Figura 01: À esquerda: Esquina da rua Siqueira Campos com rua Tonelero.
À direita: Esquina da rua Figueiredo Magalhães com rua Tonelero. Fonte: dos autores, 2025.

Essa permanência cria o contraste mais marcante do bairro: no primeiro plano, nas esquinas, aparecem edificações de pequeno porte — casas térreas ou sobrados de até três pavimentos, muitas vezes adaptados ao comércio contemporâneo; ao fundo, ao longo das quadras, despontam os edifícios altos de apartamentos, compondo um plano vertical denso e contínuo. O resultado é uma figura inequívoca, uma configuração espacial que torna legível o acúmulo desigual de tempos: no mesmo enquadramento fotográfico, condensam-se diferentes momentos da história urbana do Rio de Janeiro.

Essas edificações mais antigas não permaneceram intactas. Elas sobreviveram porque se adaptaram aos imperativos de uso, segurança, comércio e tecnologia do presente. A fotografia torna isso evidente: portas metálicas, marquises acrescentadas tardiamente, revestimentos substituídos, antenas de telecomunicação instaladas no topo, o uso comercial no térreo e a transformação dos andares superiores em depósitos ou escritórios improvisados (Figura 2). Cada uma dessas intervenções representa um ajuste pontual, quase sempre pragmático, que assegurou a continuidade funcional da edificação no tempo. É esse conjunto de pequenos gestos que explica sua permanência no bairro — uma permanência não monumental, mas operacional.



Figura 02: Cruzamento da Rua Siqueira Campos com a Rua Tonelero. Fonte: dos autores, 2025.

A esquina, como situação geográfica, revela também diferenças profundas entre os eixos internos do bairro. Na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, as esquinas são marcadas por um comércio varejista intenso, porém raramente associado a bares ou restaurantes. Já ao longo do eixo Barata Ribeiro–Raul Pompéia, o padrão se inverte: a concentração de bares e restaurantes é muito maior, chegando ao auge na esquina da Rua Hilário de Gouveia, onde os quatro cantos são ocupados por estabelecimentos desse tipo (Figura 3). A mesma situação geográfica — a esquina — revela, portanto, lógicas de uso distintas e coerentes com as funções específicas de cada eixo urbano. A configuração espacial torna visível uma economia de bairro.



Figura 03: Cruzamento da Rua Barata Ribeiro com a Rua Hilário de Gouveia. Fonte: Google Street View, 2025.

Ainda mais expressivas são as esquinas que funcionam como portas de entrada para o Morro dos Tabajaras e o Morro do Cantagalo. A fotografia dessas esquinas revela um outro conjunto de temporalidades e de práticas sociais: carrinhos de mão usados no transporte de cargas (o “burro sem rabo”), carros antigos utilizados como frete, comércio ambulante, depósitos de material de construção, pontos de mototáxi. São elementos que condensam a presença da favela no tecido urbano formal, ainda que a favela não esteja visível no enquadramento. A esquina, nesse caso, cumpre um papel revelador: introduz no espaço do asfalto sinais de temporalidades e economias que não se acomodam à imagem consagrada de Copacabana.



Figura 04: Esquina da Av. Nossa Sra. Copacabana com Rua Sá Ferreira. Fonte: Google Street View, 2025.

As esquinas confirmam que a paisagem urbana de Copacabana é um compósito no sentido mais forte do termo: nela convivem não apenas formas de diferentes idades, mas também funções, economias, dinâmicas de circulação e práticas cotidianas que não se ajustam a uma única narrativa sobre o bairro. A fotografia, ao registrar essas inscrições no espaço, torna visível o modo como Copacabana articula, no presente, fragmentos que pertencem a temporalidades distintas e a mundos sociais heterogêneos. Assim, as esquinas de Copacabana não são apenas pontos de passagem: elas funcionam como dispositivos que expõem o acúmulo de tempos e a lógica da vida

urbana em sua forma mais densa.

Ipanema

Em Ipanema, especialmente ao longo da Rua Visconde de Pirajá, principal eixo comercial do bairro, uma configuração chama imediatamente a atenção: a quase totalidade das esquinas preserva edificações antigas situadas mais à frente no lote, com recuos muito menores do que aqueles exigidos pela legislação atual para novas construções. O resultado é uma paisagem marcada por uma tensão espacial particular: nas esquinas, volumes baixos e avançados; no interior das quadras, edifícios altos, recuados e alinhados de acordo com normas mais recentes (Figuras 5).



Figura 05: Rua Visconde de Pirajá com Rua Maria Quitéria. Fonte: dos autores, 2025.

Essa descontinuidade formal, que poderia parecer apenas um acidente do tecido urbano, responde a uma lógica econômica clara. Sua explicação reside naquilo que poderíamos chamar de equação dos recuos: para substituir essas edificações antigas por novos empreendimentos, os construtores seriam obrigados a adotar o recuo atualmente exigido pela legislação, o que implicaria perda de área útil no térreo — justamente o pavimento de maior valor comercial. Assim, embora a verticalização pudesse trazer um ganho em altura, o prejuízo na área térrea tornaria a operação menos vantajosa. A preservação desses imóveis antigos, mesmo que amplamente reformados e recobertos por intervenções sucessivas, revela-se, paradoxalmente, a solução mais lucrativa.

Dessa forma, o que poderia ser lido como um gesto de conservação espontânea é, em verdade, o produto de uma racionalidade econômica que redefiniu a geografia das esquinas do bairro. A cidade preserva porque, nessas circunstâncias, é mais rentável do que destruir e reconstruir. A fotografia documenta visualmente essa equação: as esquinas tornam-se marcos de uma temporalidade que persiste não pela excepcionalidade de seu valor histórico, mas pelo valor presente de sua posição no lote.

O efeito mais visível da equação dos recuos é a produção de uma configuração espacial marcada por um desnivelamento entre tempos. Ao longo da Visconde de Pirajá, as esquinas avançadas criam pequenas protuberâncias no tecido urbano — como se cada esquina estendesse o bairro para fora do alinhamento geral (Figura 6). A fotografia torna evidentes essas saliências, que funcionam como verdadeiras figuras espaciais: elas interrompem a regularidade da rua, produzem sombras específicas, destacam-se como pontos de maior densidade comercial e organizam o fluxo dos pedestres.



Figura 06: Esquina da rua Visconde de Pirajá com a rua Garcia d'Ávila.. Fonte: dos autores, 2025.

Aqui, novamente, a noção de configuração se impõe. Cada esquina de Ipanema apresenta uma figura espacial concreta: fachadas recuadas ou adiantadas, marquises que avançam sobre a calçada, volumes baixos diante de fundos mais altos. Esses elementos, tomados em conjunto, compõem uma inscrição visual clara — uma espécie de assinatura espacial do bairro.

Embora preservadas, as edificações das esquinas de Ipanema raramente permanecem intactas. Elas passam por uma série de adaptações sincrônicas, que incorporam recursos estéticos e funcionais contemporâneos: fechamento de vãos, substituição de revestimentos, acréscimo de

marquises, instalação de letreiros luminosos, climatização artificial. Em muitos casos, apenas a volumetria original permanece visível; todo o restante foi incorporado, atualizado ou recoberto (Figura 7).

Essa lógica de adaptação é reveladora: a esquina preserva-se como forma e como posição, mas sua materialidade se ajusta continuamente aos usos contemporâneos. A fotografia registra esse processo com clareza — o antigo se encontra envolvido pelo presente, transformado em suporte para novas práticas enquanto retém a estrutura que sustenta o valor de sua permanência.



Figura 07: À esquerda: Esquina da rua Visconde de Pirajá com a rua Vinícius de Moraes; à direita: esquina da Visconde de Pirajá com a rua Joana Angélica. Fonte: dos autores, 2025.

Outro aspecto marcante das esquinas de Ipanema é a organização dos usos no térreo. Por serem pontos privilegiados de circulação, as esquinas costumam abrigar padarias, mercados, farmácias e pequenos estabelecimentos que funcionam como centralidades cotidianas. No entanto, quando se trata de bares e restaurantes, observa-se um padrão recorrente: as mesas raramente ocupam a Visconde de Pirajá, sendo quase sempre empurradas para as ruas laterais, onde a calçada é menos congestionada e o fluxo de pedestres pode se acomodar (Figura 8). Essa distribuição revela a sensibilidade da lógica comercial às condições espaciais concretas — outro exemplo de como a situação geográfica orienta usos e práticas.



Figura 08: Esquina da rua Visconde de Pirajá com a rua Paul Redfern. Fonte: dos autores, 2025.

A equação dos recuos produz, portanto, uma descontinuidade clara entre as esquinas e o interior das quadras. Se em Copacabana a diferença aparece entre o “tempo baixo” das esquinas e o “tempo alto” das quadras, em Ipanema ela se manifesta também como um deslocamento do alinhamento: uma fissura visível no tecido urbano, um ponto onde a lógica contemporânea da verticalização é interrompida pela vigência persistente de normas urbanísticas de outros tempos. Essa descontinuidade mostra que a cidade é feita de superposições que não se anulam mutuamente, mas se ajustam, se negociam e se acomodam conforme suas circunstâncias.

Leblon

Ao seguir o percurso pela orla atlântica e chegar ao Leblon, uma mudança sensível se impõe ao olhar. Depois dos fortes contrastes espaciais de Copacabana e das descontinuidades provocadas pela equação dos recuos em Ipanema, o Leblon apresenta uma paisagem mais homogênea, marcada por uma lógica de regularidade urbanística que se estende por grande parte do bairro. As esquinas adquirem aqui uma expressão distinta, revelando um conjunto de configurações onde a coerência formal parece ter se tornado um objetivo explícito do tecido urbano.

Diferentemente de Ipanema, no Leblon prevalece uma forte tendência ao alinhamento horizontal contínuo. As esquinas acompanham o mesmo recuo das edificações situadas no interior das quadras, respeitando a mesma linha de fachada e, portanto, produzindo uma paisagem mais

uniforme e linear. Essa regularidade funciona como um princípio ordenador: ela estabelece uma figura espacial de grande coerência, na qual o olhar percorre a rua sem encontrar rupturas expressivas no volume térreo (Figura 9).



Figura 09: Esquina da rua Ataulfo de Paiva com a rua Cupertino Durão. Fonte: dos autores, 2025.

O Leblon parece ter internalizado, de forma mais sistemática, o ideal do quarteirão regular, no qual a continuidade das fachadas reforça a sensação de unidade espacial. Essa continuidade não elimina completamente as diferenças de idade dos edifícios, mas tende a amortecê-las, integrando-as em uma configuração mais coesa.

Se a horizontalidade se mantém contínua, é na verticalidade que a paisagem do Leblon introduz suas variações mais significativas. As fotografias revelam um padrão claro de escalonamento vertical: os edifícios situados nas esquinas tendem a apresentar menor altura, enquanto os volumes maiores se erguem progressivamente à medida que se afastam da testada do lote (Figura 10). Essa gradação lembra, em certa medida, a lógica que orientou o desenho dos arranha-céus de Chicago nos anos 1920 e 1930.



Figura 10: Esquina da rua Ataulfo de Paiva com a rua Carlos Góis. Fonte: dos autores, 2025.

No Leblon esse escalonamento decorre da combinação entre valorização fundiária recente e normas de gabarito que determinam alturas máximas diferenciadas conforme a posição no lote. Assim, as esquinas — por sua visibilidade e exposição — tendem a permanecer como volumes menores, enquanto os edifícios recuados ganham altura para compensar o potencial construtivo. O resultado é uma paisagem em forma de pirâmide invertida, cuja base acompanha o alinhamento das calçadas e cujo ápice se eleva discretamente no interior das quadras.

Essa geometria da valorização recente constitui, ela própria, uma figura espacial: uma configuração que enuncia, através do visível, o regime econômico que a produziu.

O caso do Leblon evidencia uma forma distinta de acúmulo de tempos na paisagem urbana. Aqui, o passado não se manifesta através do contraste marcante entre edifícios de alturas díspares ou do avanço irregular das fachadas; ele se faz presente de maneira mais tênue, incorporado na própria regularidade produzida pela valorização recente. O tempo antigo sobrevive na maneira como certas condições urbanísticas e econômicas estruturaram as substituições: dentro de limites bem definidos, respeitando um desenho de quarteirão que se atualiza sem se fragmentar.

A figura espacial das esquinas — sua continuidade horizontal combinada com o escalonamento

vertical — constitui, assim, o documento visível desse processo. Ela revela como a situação geográfica particular da esquina, ao se declinar no contexto específico do Leblon, produz uma configuração na qual as temporalidades se acomodam de maneira menos contrastada, mas não menos significativa. O bairro torna-se, dessa forma, uma espécie de demonstração da coerência possível entre valorização intensa, substituição sistemática e regularidade formal.

Conclusão

A análise das esquinas dos bairros de Copacabana, Ipanema e Leblon mostra, de maneira incontornável, que a paisagem urbana é sempre o resultado de uma negociação entre tempos. O espaço urbano não é um palco neutro sobre o qual se imprimem formas novas, mas um compósito de elementos heterogêneos que coexistem e funcionam sincronicamente. As esquinas, tomadas aqui como situação geográfica particular, permitiram tornar visível essa convivência de temporalidades e evidenciar a lógica pela qual certos fragmentos são preservados, adaptados ou substituídos.

Cada bairro apresentou uma configuração própria, revelando que a mesma situação urbana — o cruzamento de duas ruas — pode operar como catalisador de formas distintas de acumulação temporal.

A comparação evidencia que não há um único modo de acumulação temporal na cidade, mas múltiplas formas de compor o passado com o presente, todas elas inscritas nas figuras espaciais que emergem das situações concretas. As esquinas — porque revelam simultaneamente continuidade e interrupção, visibilidade e transição, permanência e adaptação — são dispositivos privilegiados dessa leitura. Elas oferecem ao olhar uma condensação dos processos que organizam o espaço urbano, permitindo que a fotografia se torne um instrumento não apenas de registro, mas de interpretação histórica.

Assim, mais do que descrever o que se vê, as imagens das esquinas possibilitam decifrar a gramática espacial da zona sul carioca. Essa gramática não é uniforme, mas ao contrário profundamente situada: varia conforme as pressões econômicas, as normas urbanísticas, as condições de valorização e, sobretudo, conforme as circunstâncias locais que definem cada situação geográfica. No entanto, uma conclusão se impõe: mesmo nas áreas mais valorizadas, onde se esperaria a completa substituição das formas antigas por novos empreendimentos, a cidade compõe seus tempos. Ela retém, adapta, reposiciona, reinterpreta.

O que se apresenta nas esquinas é, portanto, a prova empírica de que a paisagem urbana é sempre um mosaico — não um mosaico aleatório, mas um mosaico coerente, cuja inteligibilidade depende da atenção às pequenas figuras que se inscrevem no espaço e que, vistas em conjunto, revelam a forma histórica da cidade.

É dessa perspectiva que a geocronografia se afirma: como prática capaz de reconhecer, no visível, as temporalidades que convivem no presente e que fazem do espaço urbano um documento vivo, em permanente construção.

Referências



GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Figurar, figuras, figurantes, configurações. Uma proposição para a geografia. In: Sousa, André Nunes de; Vaz, Caroline Bulhões Nunes; Silva, Mateus Barbosa Santos da (Organizadores). **Diálogos em história da geografia e geografia histórica**: Travessias, intercâmbios e circulação do conhecimento geográfico. Salvador: Edufba, no prelo. 197-214.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. (Obra original publicada em 1978).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

THÜNEN, Johann Heinrich von. **Der isolierte Staat in Beziehung auf Landwirtschaft und Nationalökonomie**: oder Untersuchungen über den Einfluss, den die Getreidepreise, der Reichtum des Bodens und die Abgaben auf den Ackerbau ausüben [O Estado isolado em relação à agricultura e à economia nacional: ou investigações sobre a influência que os preços dos cereais, a fertilidade do solo e os tributos exercem sobre a agricultura]. Hamburg: Perthes, 1826.